



CÂMPUS ANÁPOLIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E  
TECNOLÓGICA – PROFEPT

PRODUTO EDUCACIONAL

## PRÁTICAS INCLUSIVAS DIALÓGICAS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA NO IFG

Produto Educacional apresentado ao Programa de  
Pós-Graduação em Educação Profissional e  
Tecnológica (ProfEPT).



**PRÁTICAS INCLUSIVAS E DIALÓGICAS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL  
E TECNOLÓGICA NO IFG**

ALINNE MONTEIRO DA CRUZ ATANASIO

GIZELE GERALDA PARREIRA

**ANÁPOLIS**

**2020**

ALINNE MONTEIRO DA CRUZ ATANASIO

GIZELE GERALDA PARREIRA

**PRÁTICAS INCLUSIVAS E DIALÓGICAS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL  
E TECNOLÓGICA NO IFG**

Produto Educacional vinculado à dissertação A PERSPECTIVA DE MARTIN BUBER  
PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA EPT

ANÁPOLIS

2020

O trabalho Práticas Inclusivas e Dialógica na Educação Profissional e Tecnológica no IFG - Parte I, II, III e IV de Alinne Monteiro da Cruz Atanasio e Gizele Geralda Parreira está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional.

Baseado no trabalho disponível em:

<https://www.youtube.com/channel/UCizy1dMMxhP2cy1j8Xwe6NQ>



Autorizo, para fins de estudo e de pesquisa, a reprodução e a divulgação total ou parcial deste produto, em meio convencional ou eletrônico, desde que a fonte seja citada.

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na (CIP)

	Atanasio, Alinne Monteiro da Cruz.
CRU/pra	Práticas inclusivas e dialógicas na educação profissional e tecnológica no IFG: <i>Produto Técnico/Tecnológico vinculado à dissertação “A perspectiva de Martin Buber para a educação inclusiva na EPT” / Alinne Monteiro da Cruz Atanasio; Gizele Geralda Parreira. - - 2020.</i>
	14 f.; il.
	Produto Técnico/Tecnológico (Mestrado) – IFG – Câmpus Anápolis, Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, 2020.
	1. Práticas inclusivas. 2. educação profissional e tecnológica. 3. IFG. 4. Napnes. 5. Produto Técnico/Tecnológico – curta-metragem. I. Parreira, Gizele Geralda. II. IFG, Câmpus Anápolis. III. Título.

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO  
NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

**Identificação da Produção Técnico-Científica**

- |  |   |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Tese  | <input type="checkbox"/> Artigo Científico              |
| <input type="checkbox"/> Dissertação   | <input type="checkbox"/> Capítulo de Livro              |
| <input type="checkbox"/> Monografia – Especialização   | <input type="checkbox"/> Livro                          |
| <input type="checkbox"/> TCC - Graduação   | <input type="checkbox"/> Trabalho Apresentado em Evento |
| <input checked="" type="checkbox"/> Produto Técnico e Educacional - Tipo: Vídeo educacional e roteiro. |   |

Nome Completo do Autor: Alinne Monteiro da Cruz Atanasio

Matrícula: 20182060150068

Título do Trabalho: Práticas Inclusivas e Dialógicas na Educação Profissional e Tecnológica no IFG

**Autorização - Marque uma das opções**

1.  Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2.  Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_ (Embargo);
3.  Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

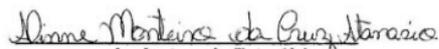
- O documento está sujeito a registro de patente.
- O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
- Outra justificativa: \_\_\_\_\_

**DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA**

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Anápolis, 29/01/2021.



Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

## APRESENTAÇÃO

Este curta-metragem, em vídeo digital, dividido em quatro episódios com duração aproximada de 10 min, registrou parte do cotidiano institucional a partir do olhar, principalmente, de profissionais que atuam nos Núcleos de Atendimento às Pessoas com Necessidades Especiais (Napnes) e que se dedicam a trabalhar com a inclusão, na perspectiva dialógica, em 03 câmpus do IFG.

Além dos depoimentos que retratam a percepção dos servidores, a produção também conta com narrações e excertos relacionados à Educação Inclusiva, à Filosofia Dialógica de Martin Buber e à Educação Profissional e Tecnológica, como demonstrado no material disponibilizado nos seguintes links:

Parte I: <https://www.youtube.com/watch?v=KmSNoyhwSWc&t=23s>

Parte II: <https://www.youtube.com/watch?v=ZFM-iT7wCi4>

Parte III: <https://www.youtube.com/watch?v=CcdgzWITEBE>

Parte IV: <https://www.youtube.com/watch?v=Cwtea7gLUDk>

O vídeo resultou de pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), constituindo-se em produto educacional com vistas a promover reflexões sobre o papel da educação inclusiva, a relevância das práticas dialógicas, a necessidade de adotar novos paradigmas e as contribuições possíveis para a EPT.

Com esse produto, vislumbra-se a amplitude e o impacto social na exibição, porquanto o material poderá ser disponibilizado em sites e em redes sociais. Ademais, o vídeo será socializado e submetido à avaliação dos 14 Napnes do IFG, a fim de contribuir para a reflexão e o aperfeiçoamento das equipes desses setores.

Para tanto, submeteu-se esse produto a análise de servidores a partir de instrumento avaliativo, com questões quanti-qualitativas, para uma abordagem da forma e do conteúdo do produto, sob a observação do eixo estético, linguístico, didático e crítico.

## ROTEIRO DE PRODUÇÃO E EDIÇÃO DE VÍDEO

- Olá! Nesse vídeo vamos falar sobre a perspectiva humanística e dialógica de Martin Buber da inclusão na Educação Profissional e Tecnológica no IFG.
- Inicialmente, destacamos que, historicamente, aqueles que possuem algum tipo de deficiência já foram chamados por nomenclaturas pejorativas, desconsiderados como pessoas, inclusive nos instrumentos legais.
- Conseqüentemente, o processo formativo das pessoas com deficiência foi influenciado por tais percepções e a formação delas passou por diversas fases: exclusão, segregação, integração e inclusão.
- Essas fases revelam que, aos poucos, os espaços sociais começaram a ser ocupados pelas PcDs e, nesse contexto, as políticas públicas nacionais e internacionais tiveram um papel muito importante, principalmente, a partir da Declaração de Salamanca, em 1994.
- *A) Áudio entrevista 1 - a educação por ela ser um direito humano, ali na sociedade contemporânea principalmente, ali no pós-guerra, direitos humanos, cidadania, mundo globalizado, então assim quando fala em direito humano, direito universal, Isso já significa que ela tem que ser inclusiva, que ela tem que ser para todos.*
- Nesse sentido, ressaltamos aqui, o quanto é importante a atualização de práticas educacionais inclusivas e dialógicas que sejam realmente representativas de um mundo mais humano e igualitário, a fim de assegurar espaço para todos, com a ruptura de padrões sociais que relegam vidas humanas à invisibilidade, ao silenciamento e ao esquecimento.
- *B) Áudio entrevista 4 - Dentro desse projeto de extensão uma situação que me marcou profundamente, eu fiquei dias e dias pensando nisso, foi o fato de que em um dos sábados dos nossos encontros, na noite anterior, tinha acontecido o acidente com avião da Chapecoense e aí na televisão a todo momento passavam os flashes da notícia, aquele desespero dos familiares, aquela comoção nacional e uma aluna chegou desesperada perguntando para a intérprete o que estava acontecendo no nosso país, porque a todas as horas aparecia um avião na televisão. E naquele momento eu me dei conta que que esses sujeitos surdos estão em uma sociedade, mas que eles não estão inclusos, porque enquanto toda uma população chorava a morte dos jogadores, esses alunos não sabiam o que estava acontecendo, em função da gente não ter uma acessibilidade linguística nos nossos meios de comunicação que permitisse esses surdos entendessem ali o contexto de tudo aquilo que estava acontecendo com eles.*
- É válido notar que nesse processo, já houve vários avanços, como a ampliação de matrículas de pessoas com deficiência na educação profissional e tecnológica.

- Apesar do crescimento do número de matrículas, contudo as práticas inclusivas ainda estão em construção, de modo que para além dos dispositivos legais e das ações afirmativas, a inclusão requer um caráter mais abrangente, pois ultrapassa a mera perspectiva dos **fundamentos legais, organizacionais e integrativos**, pois não basta garantir o acesso à educação.
- Incluir implica um processo gradativo de garantia efetiva do direito educacional a uma formação qualitativa para todos (MANTOAN, 2003). Então, faz-se necessário compreender que ter alunos diferentes não pressupõe metodologias individualizadas, “mas sim o planejamento e a execução de um programa em que os alunos possam compartilhar vários tipos de interação e de identidade” (RODRIGUES, 2006, p. 12).
- *C) Áudio entrevista 1 - alguns professores e até alguns alunos falam assim: ah, eu fui para uma turma lá tem 30 alunos e mais 3 da inclusão. eu falei assim não, você tem 33 para incluir, porque é para educar, todos são de inclusão, porque o compromisso com uma sociedade democrática, inclusiva, de direitos humanos, universalização dos direitos.*
- Incluir implica uma nova postura humana, pois ainda existem práticas incoerentes e contraditórias, as quais se baseiam em **estigmas e estereótipos, constituindo barreiras atitudinais.**
- Barreiras atitudinais são “ações, omissões e linguagens produzidos [...] contra a pessoa com deficiência ou quaisquer grupos em situação de vulnerabilidade, resultando no desrespeito ou impedimento aos direitos dessas pessoas, limitando-as ou incapacitando-as para o exercício de direitos e deveres sociais: são abstratas para quem as produz e concretas para quem sofre seus feitos”. Tavares (2012, p. 104).
- Tudo isso, muitas vezes, se revela por meio de **escolhas lexicais, nos comportamentos diferenciados, nos gestos inesperados, no olhar condenatório, nos reforços desnecessários e até mesmo na proteção exacerbada.**
- A manutenção dessas barreiras é como esquecer que ser humano, independente das características, já deveria ser condição suficiente o trato respeitoso, para a fruição da vida, da liberdade, da dignidade e da cidadania. Contudo, a organização social orientada por padrões e por questões econômico-financeiras hierarquiza as relações, produz desigualdades diversas e estabelece barreiras excludentes, as quais são, muitas vezes, verdadeiras fortalezas alicerçadas em bases discriminatórias a partir de percepções e valores histórico-culturais amplamente reproduzidos na sociedade.
- Mas qual o papel da escola em relação a essas barreiras?

- À escola convém enfrentar os obstáculos que permeiam a sua própria realidade, pois esse ambiente ainda mantém uma estrutura arcaica de ensino, cuja relação ensino-aprendizagem, muitas vezes, se constitui de forma **impositiva, coercitiva, simbolicamente violenta, excludente, intolerante e centralizada em determinados grupos**, segundo Aricó (2008).
- *D) Áudio entrevista 3 - porque se o aluno se sente acolhido, ele tem mais motivação para permanecer no curso. Então esse trato mais humano, ajuda na permanência e êxito. Se o aluno não é acolhido, quando ele tem dificuldade, a tendência é ele evadir.*
- Dito isso, quais barreiras atitudinais devem ser vencidas na Educação Profissional e Tecnológica?
- Existem muitos desafios para as práticas inclusivas na EPT, contudo, a escola deve assumir um papel referencial na ampliação de possibilidades e na reflexão sobre o trabalho, desconstruindo ações de ordem “assistencialista, filantrópica ou piedosa” (AZEVEDO, 2008, p. 52).
- Assim, torna-se necessário, dentre outros, o enfrentamento a discursos discriminatórios que indagam se o aluno com deficiência (principalmente cognitiva) alcançará o nível de aprendizagem esperado, se acompanhará o ritmo da turma, se conseguirá inserção no mundo do trabalho e, caso consiga, se atenderá o ensejo da empresa contratante.
- Com essas preocupações, desconsideram-se os fatores humanos e visa-se somente à formação para o **mercado**, o qual lida com a **versão objetificada do ser e o sujeita ao cumprimento de metas, de produtividade e de ampliação da lucratividade** e desconsidera-se ainda a individualidade dos alunos, restringindo as potencialidades de cada um deles.
- Outra questão importante a ser observada: como deve ser compreendida e desenvolvida a inclusão na EPT?
- Dessa forma, as práticas inclusivas na formação profissional e tecnológica, especificamente nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs), precisam ser ressignificadas a partir de princípios educacionais que corroborem para a construção de:
- “Um mundo no qual as pessoas possam genuinamente se encontrar umas com as outras, despidas de preconceitos, conjecturas e reservas. Um mundo no qual elas não se prestem mais a disfarçar suas inquietudes, mascarar suas inseguranças ou encobrir sua solidão na objetivação exagerada do trabalho excessivo e das palavras mal anunciadas, no abandono de seus pares, enfim [...] um mundo no qual o homem possa ser ‘pessoa’ e não um ‘ser separado’”. (PARREIRA, 2016, p. 101).

- *E) Áudio entrevista 1 - se isso se constituir em uma sensibilização assim para mudança de olhar, isso abre para tecnicamente ser tudo, né, porque até a técnica se torna mais humana. Não é porque quando você elabora um objeto técnico, pensando no outro, você não vai produzir qualquer coisa, não vai ser linha de montagem.*
- Essa percepção deve refletir o papel social e a constituição plural dos IFs, os quais visam a formação para a autonomia e para a emancipação do aluno, visto que tais instituições orientam-se por
- “uma política pública inclusiva sobre ações que criem condições de acesso, permanência e saída com sucesso de alunos com necessidades educacionais especiais nos cursos de formação inicial e continuada, técnico e tecnológico [...] permitindo o acesso ao mundo produtivo e à sua emancipação econômica”. (AZEVEDO, 2008, p. 51 ).
- Assim, torna-se relevante que essas instituições sejam privilegiados espaços de valorização do fator humano e da educação como prática significativa de desenvolvimento da pessoa, de modo que nesses espaços a prática pedagógica tenha caráter relacional e haja o cultivo de uma vivência mais humanizada, em que a disposição para compreender e respeitar o próximo se concretize por meio da **abertura, da atenção e do respeito**, dilacerando-se a racionalidade que objetifica, limita e desvaloriza a pessoa.
- Diante disso, propõe-se uma nova percepção do relacionamento entre professores e alunos, bem como das práticas pedagógicas e do papel da escola, em função não somente de uma formação conteudística e protocolar, mas humana e comunitária, em que a apropriação dos saberes técnicos e o desenvolvimento da aprendizagem não representem a coisificação do aluno.
- Quanto às PcDs, é preciso se atentar que não basta garantir as condições de acesso, é preciso **desconstruir mitos, enfrentar resistências e compreender o outro para além de laudos e rótulos**.
- *F) Áudio entrevista 1: aí eu tenho dois downs na minha turma. Então eles não tem nome, começa a ser identificado pela síndrome. Ah, eu tenho um autista e um cego. Ah, eu tenho um surdo e um outro lá, ele tem uma cara de uma síndrome, mas ele tá esperando lá já pediu para a mãe levar no neuro. Então acaba lá assim tira o nome da pessoa, a identidade da pessoa passa a ser substituída pelo nome técnico, que quase sempre é o nome de uma patologia médica.*
- Então, a prática inclusiva requer a adoção de um novo modelo educativo e a reorganização do trabalho pedagógico, em que as condições de permanência e êxito passem também por relações reais de convivência, e pela construção de uma escola nada hostil à pessoa com NEE, em que ela seja parte e não se sinta deslocada naquele ambiente.

- Para alicerçar isso, os institutos federais contam com a atuação estratégica dos **Núcleos de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNEs)**, os quais são formados por equipes multiprofissionais que buscam um atendimento acolhedor à PCD, orientam professores e organizam formações pedagógicas.
- *G) Áudio entrevista 4 - a gente tem né conseguido para propiciar momentos formativos, [...] e às vezes tem alcançado as pessoas de fora do nosso câmpus, do nosso estado, até em função da forma virtual com que esses momentos estão acontecendo.*
- A atuação desses núcleos é bem dinâmica, pois são múltiplas as necessidades específicas dos educandos acompanhados:
- *H) Áudio entrevista 2 - O nosso público é bem vasto. É muito interessante, porque cada um é uma especialidade, e além de ser cada um com sua especificidade, cada um é ser humano, cada um tem suas características do seu jeito, então você tem que tentar entender esse lado da pessoa, tentar trazer para perto de si por meio de uma conversa.*
- *I) Áudio entrevista 5 - Cada aluno é único, mesmo que tenha a mesma deficiência, a mesma necessidade específica, são alunos diferentes, têm formas diferentes de aprender.*
- *J) Áudio entrevista 3 - Não tem como estar preparado para tudo. Então, eu vejo o NAPNE como um lugar para a gente discutir, a gente conversar para tentar atender aquela demanda.*
- Diariamente, o contexto escolar apresenta situações reais em que implicam repensar e reorganizar o processo ensino-aprendizagem como exemplificado com o caso a seguir:
- *K) Áudio entrevista 1 - Uma aluna é pensadora visual, ela não consegue pensar por meio de palavras e, sim, exclusivamente por meio de imagens. Então substantivos e adjetivos tem que ser traduzidos em uma imagem e ela fez o TCC 1, que é o projeto, de forma ilustrativa, não para ilustrar assim como desenho, mas a linguagem dela. Chegou um momento que ela falou assim: Professora, acho que eu não vou apresentar, não tem jeito. Como que não? Você já fez, o seu trabalho está pronto. Mas eu não estou conseguindo formatar nas normas de ABNT, o tamanho da página, a configuração, o espaçamento. Espera aí, você colocou muito poucas palavras, você colocou frases, porque ali do projeto a maioria é só as ilustrações, [...]Você está mostrando para a gente uma outra possibilidade de escrita e por sua causa a gente vai ter que rever o regulamento, porque não está inclusivo, se não está falando que todas as linguagens são passíveis.*

- *L) Áudio entrevista 5 - trabalhando como intérprete, isso para mim é também lá no campus depois entrou uma aluna surda no curso de Química, na época eu fiquei apavorada, porque eu não sei nada de química, acho que eu até adoeci de pensar em interpretar no curso de Química, porque eu não sei nada de Química, não sei e não sabia até hoje, então foi uma experiência assustadora, mas também foi uma experiência muito gostosa.*
- *M) Áudio entrevista 2 - ela foi muito aberta desde o início do semestre sempre perguntando “como é que eu faço isso”, “como é que eu adapto a aula para a educanda se sentir melhor, entender melhor, ela sempre foi assim muito aberta a ouvir sugestões, esse diálogo foi muito aberto, então foi muito foi muito legal e assim fazer esse tipo de contribuição é muito bom, a gente sente muito bem, né.*
- Assim, a ação dos NAPNES na EPT pode ser pontual não somente para o acolhimento das PCDs, mas para **a ruptura com o capacitismo, o desenvolvimento de novos projetos de pesquisa e extensão, para a sensibilização dos profissionais a serem formados nas diversas áreas do conhecimentos e para a consolidação de uma nova visão social.**
- *N)Áudio entrevista 4 - Fazer com que os nossos alunos sejam menos capacitistas, sejam mais humanos, acho que a função primordial que a gente tem dentro da instituição.*
- *O) Áudio entrevista 1 - todas as instituições públicas de ensino técnico, tecnológico, se é pra atuar, pra fazer jus à perspectiva nacional de educação inclusiva , já teriam todas que ter ali uma linha de pesquisa, vamos dizer assim, para a produção de tecnologias assistivas, em todos os cursos. Porque isso é o mínimo. Quer dizer, vai sair um tecnólogo, um engenheiro lá que vai pensar: como faz um prédio acessível? Né, como que um técnico de secretariado, de nutrição vai orientar um outro lá, mesmo para atender sem o nutricionista em um hospital, em um consultório ali o paciente com deficiência física ou o surdo. Como é que se comunica com ele?*
- Contudo, há que se fortalecer a identidade desses núcleos e vencer os inúmeros desafios existentes no âmbito escolar, pois a realização da perspectiva humanística também requer o devido subsídio institucional.
- Entre os **desafios dos NAPNES**, estão fatores como: **possuem caráter de comissão e não de departamento; falta de condições de trabalho; inexistência de equipe permanente; inexistência de gratificação a coordenadores; espaço físico limitado ou ausência deste; escasso investimento em capacitação; falta de sensibilização e engajamento de servidores para participar das ações promovidas, entre outros.**

- Ainda que os desafios sejam consideráveis e as condições de trabalho não sejam ideais, **os NAPNES contam com equipes multiprofissionais**, comprometidas, que se desdobram para desenvolver um trabalho qualitativo:
- *P) Áudio entrevista 4 - Os servidores do NAPNE têm buscado cada vez mais um conhecimento para que [...] quando a gente tenha algum aluno com uma especificidade, a gente já conheça a especificidade e saiba agir, a gente consiga potencializar o aprendizado desse aluno.*
- *Q) Áudio entrevista 3 - Eu vejo isso nas nossas reuniões semanais, o empenho, a dedicação de todos os colegas, cada um na sua especificidade, cada um doando aquilo que pode doar. [...] Então existem pessoas que tem mais habilidade com Informática por exemplo, existe outra pessoa que entende mais de Libras. Cada um vai auxiliando da forma que é possível, até dentro das nossas limitações.*
- *R) Áudio entrevista 2 - É uma equipe muito dedicada e muito esforçada, nós notamos pessoas trabalhando até mais do que seria normal, e independente de horário, nós notamos servidores trabalhando com afinco mesmo para auxiliar os discentes.*
- Com regulamentação interna a partir de 2017, a história dos NAPNES ainda está em construção e já apresenta experiências únicas de acolhimento e encontro genuíno com os alunos, de modo que os integrantes desses núcleos indicam que são experiências gratificantes e que despertam para uma **nova compreensão do mundo, uma nova percepção de si e da realidade do outro**:
- *S) Áudio entrevista 4 - então quando você entra em contato com pessoas que vivenciam esse na pele todos os dias, né, que nos contam de problemas de racismo, né, vividos, sofridos, então assim isso modifica nossa visão, né, modifica a minha visão de ser humano que eu quero ser, do ser humano que eu sou, das minhas práticas que eu tenho realizado na minha vida e em quais quesitos eu preciso melhorar.*
- *T) Áudio entrevistas 5 - A gente conseguiu montar um curso de extensão e nesse curso conseguimos dar o curso inicial de Libras e depois tivemos o intermediário e foi assim muito gratificante, porque a gente viu que a cidade tem bastante surdos e famílias de surdos não sabiam se comunicar com surdos e nesse projeto de extensão a gente teve familiares de surdos, profissionais da área da Educação que com o curso conseguiram fazer algo diferente para os surdos.*
- *U) Áudio entrevista 2 - Eu pude notar é que a professora vinculava muito as explicações do conteúdo a histórias, a vivências pessoais, ela fazia em Libras e eu tinha que passar oralizando para os discentes entenderem. Quando ela terminava a explicação, eu terminava de falar, aí você via os discentes, alguns com águas nos olhos, então você via que eles estavam realmente emocionados, que isso tocava, que isso tocou o coração deles, então participar desse tipo de*

*processo é uma coisa linda de se ver, vários desses discentes depois já foram no CAS fazer um curso de Libras, porque eles se sentiram motivados, “poxa, eu preciso aprender pelo menos o básico”, “eu preciso ajudar a comunidade surda”.*

- Nesse contexto, o núcleo e as equipes pedagógicas possuem um papel relevante na trajetória dos alunos:
- V) *Áudio entrevista 3 - A gente tem uma imensa responsabilidade com os alunos, a gente tanto pode construir um sonho, como pode destruir um sonho. A gente pode ajudar com uma palavra que o aluno permaneça no curso, como com uma palavra a gente pode fazer com que o aluno evada do curso, que ele não permaneça, porque todos nós somos pessoas, nós precisamos ser bem tratados.*
- Além disso, e a atividade pedagógica pode **influenciar** inclusive a futura atuação no mundo do trabalho
- W) *Áudio entrevista 3 -E quando eu oriento, eu busco seguir os passos da professora X, porque ela foi muito humana comigo, competente. [...] Ela potencializou o que eu tinha de melhor e eu acho que o tratamento de respeito, de humanidade que ela teve comigo foi um divisor de águas para eu saber como orientar.*
- Essas posturas podem **contagiar** e **despertar outras pessoas para a humanização das relações e para** a consolidação de um processo mais dialógico na inclusão:
- X) *Áudio entrevista 1 - Ela veio assim na minha direção, já foi me abraçando e chorando muito, e eu assim: o quê que aconteceu?[...] Ela falou assim: professora, eu estou aqui para agradecer, porque é o seguinte, eu montei esse joguinho que eu quero apresentar. Era um jogo de alfabeto que ela fez as letras do alfabeto e colocou uma espécie de uma geleinha, geleca,[...] que a superfície fica gelatinosa e as letrinhas deslizam quando a pessoa mexe no tabuleiro, montando as palavras. E ela tem uma irmã com deficiência, adolescente, e que tinha um mito na família de que ela não aprenderia mais, que a família podia desistir da educação dela, se ela já chegou naquela idade e praticamente só ficava confinada, que não tinha como. E ela resolveu fazer essa atividade, o sujeito de pesquisa dela foi essa irmã e ela fez também com pouca expectativa, mas para que a irmã fosse parceira no joguinho, e disse que a irmã apaixonou pelo jogo e que assim começou a se alfabetizar espontaneamente e ela estava muito agradecida. [...]Então ela tá assim em um processo lindo de reeducar a própria família, ela disse que tem diálogos com a mãe dela. Então está muito bonito, em cada diálogo com ela eu me emociono muito.*
- A partir de todo o exposto, a atuação dos Institutos Federais deve se pautar em uma atuação coerente com a legislação existente e com a prioridade do fator

humano como norteador das práticas educativas, com vistas à mudança social e à influência em outras instâncias. Para tanto, o contexto inclusivo deve ser marcado por relações articuladas e intersetoriais, porquanto convém considerar a assertiva de Dalla Dea e Rocha sobre as universidades e o ensino superior, mas que se aplica perfeitamente aos institutos federais e à EPT:

- “nenhum órgão sozinho dentro da instituição tem condições de abraçar tamanha complexidade. Desta forma, acreditamos que o núcleo de acessibilidade deve ser um órgão articulador da política com suas metas e ações e toda a universidade deva estar envolvida nas discussões e ações de acessibilidade”. (DALLA DEA; ROCHA, 2017, p. 16).
- *Y) Áudio entrevista 1 - E eu acho legal também que se expanda dialogicamente para além da comissão NAPNE, [...] eu vejo assim, observando um pouco do movimento dos grupos de whatsapp de NAPNE, de CAPD, nas reuniões e de certa forma há um perpassar ali de compreensão desse trabalho e de um progressivo entendimento, de que são alunos do câmpus, um corpo de alunos que é do câmpus e que o NAPNE sozinho, ele não está ali para resolver sozinho[...]Jeu noto assim que às vezes tem reuniões com o chefe de departamento então chefe de departamento até nas câmaras de ensino diz eu quero trazer, em dado momento a questão do NAPNE no meu câmpus, porque isso acontece assim, assim, nas reuniões ou eles participam ali nos colegiados do curso ou ali nos conselhos de classe. Então eu acho bacana esse movimento, pois não está sendo ali em uma salinha isolada, mas que a educação especial inclusiva que é como deve ser transversal, que ela não é um localzinho para onde vai o aluno a ser trabalhado, mas desse trabalho como diz a própria resolução de criar uma cultura de educação inclusiva no espaço em que esses núcleos se encontram E aí junto aos outros servidores, junto aos familiares dos alunos, ao próprio aluno.*
- Para muitos, em virtude das imposições da contemporaneidade, esta seara dialógica da inclusão pode parecer árdua, desestimulante e até mesmo impossível de se realizar, contudo motiva-nos a convicção de que
- nada se compara ao “resgate de uma vida escolar marginalizada, uma evasão”, um aluno estigmatizado (MANTOAN, 2003, p. 30).
- *Z) Áudio entrevista 2 - as maiores conquistas nossas, é ver os nossos educandos desenvolvendo, quando a gente vê os discentes desenvolvendo, eles se esforçando mesmo, sendo aprovados, saindo daqui com o certificado, indo para o mercado de trabalho, tá dando certo lá no mercado de trabalho, então assim eu acho que essas são conquistas que envolvem nosso trabalho também, nós contribuimos para isso acontecer, é muito legal ver isso. Acaba sendo uma conquista para nós também.*
- Por fim, esperamos que todos se motivem com a percepção de que “se o amanhã se tornou mais orientado para a vida comunitária que o hoje, isso é suficiente. Isso

é, para mim, prova suficiente, pois, se isso é realmente assim, se entre as horas, entre as épocas, os períodos de tempo, existe um acréscimo, uma alteração em determinada direção, isso basta”. (BUBER, 2012, p. 86-87).

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

A atuação dialógica e inclusiva dos NAPNES e de toda a comunidade escolar pode ser elementar não somente para um atendimento mais acolhedor das PcDs, mas também para a ruptura com práticas capacitistas, com o desenvolvimento de novas propostas de pesquisa e extensão para a sensibilização dos estudantes e professores das múltiplas áreas do conhecimento e para a construção de uma nova perspectiva social.

Assim, esse produto educacional se constitui como recurso para, dentre outros artefatos e políticas, consolidar a identidade desses núcleos e para refletir acerca dos desafios para a inclusão na EPT. Além disso, destaca-se que o produto audiovisual possui amplo alcance formativo, visto que pode ser divulgado em sites e redes sociais.